

## 4

## Impressões, memórias, metáforas: a legibilidade da urbe através de seus fragmentos.

Foram muitos os impactos provocados pelas intervenções urbanas durante a administração Dodsworth. As mudanças na fisionomia da urbe carioca foram acompanhadas de transformações na maneira com que se passou a sentir e enxergar a cidade em uma dimensão mais ampla, e não apenas como espaço físico. Em certa medida, essa outra percepção do Rio de Janeiro foi impulsionada justamente pelas reformas de caráter urbanístico planejadas pelos técnicos da prefeitura.

Não queremos com isso defender a idéia de que a partir desse momento o Rio de Janeiro surgiria novo, ou absolutamente diferente. Antes disso, reconhecemos que a cidade passou por um intenso período de transformações em sua malha urbana muito anterior às sofridas durante o recorte em questão. Sabemos também o quanto essas intervenções urbanas continham, na verdade, o desejo de propulsionar um frágil ideal de modernidade, buscando inspiração nos hábitos tidos como civilizados porque europeus e, mais tarde, também norte-americanos.

Nossa preocupação aqui é tão-somente tentar apreender, por um lado, o que poderia haver de peculiar à dinâmica urbana nesse momento e, mais do que isso, gerada nele. Essa empreitada se justifica, ao nosso olhar, devido à magnitude das obras que recaíram no Rio de Janeiro durante o Estado Novo. Por outro lado, propomo-nos justamente a tentar enxergar, por baixo dessa camada de historicidade, possíveis continuidades nesse movimento, a despeito das formas aparentemente novas da cidade.

Já que tentamos observar a cidade a partir dos olhares sobre ela, num primeiro momento tomamos algumas crônicas como meio chegar ao nosso objeto. Partimos, sobretudo, de crônicas que foram escritas posteriormente ao ano de 1945 e, conseqüentemente, à administração Dodsworth. O que pode parecer uma

falha metodológica, pôde nos levar, curiosa e justamente, às transformações experimentadas pela cidade entre as décadas de 30 e 40 do século passado.

Primeiramente porque algumas dessas crônicas tratam do tema de maneira objetiva. Outras, no entanto, e isso nos parece particularmente interessante, apenas sugerem que a cidade do Rio de Janeiro havia se transformado de maneira tal que, dali em diante, restaria apenas uma atmosfera de nostalgia em torno de um tempo em que ainda era possível vislumbrar alguma autenticidade na dinâmica das ruas cariocas.

Nesse sentido, o cronista Marques Rebelo nos oferece um material interessante, quando, utilizando-se da memória, fala, por exemplo, dos impactos da construção da Avenida Presidente Vargas ou quando tenta reconstruir uma unidade urbana a partir do recolhimento de vestígios de uma cidade que já não se deixava apreender em sua totalidade. Não foi de nosso intento fazer uma análise profunda sobre as estratégias narrativas do autor carioca em questão, mas apenas, através das crônicas escolhidas por nós, tentar fazer emergir essa sensação de que a cidade teria experimentado um silêncio durante o período do Estado Novo.

Seguindo adiante, tomamos alguns artigos de jornais para mostrar o quanto, ao mesmo tempo, o Rio de Janeiro dialogou com novas influências e se transformou a partir delas. No contexto da Segunda Guerra Mundial, a influência cultural norte-americana contrastava com a tentativa de se construir a nacionalidade, para a qual a capital do país deveria ser levada em consideração. Ao mesmo tempo, a americanização de certos hábitos e costumes, somados à utilização cada vez mais intensa do espaço da praia como lazer, gerava ambigüidades desconcertantes. O que os jornais identificavam, nessa relação com a cidade, como um hábito de carioca moderno, também poderia ser visto como indício de uma cidade bárbara, não civilizada.

De toda forma, o foco pode ser deslocado rapidamente do moderno para o anacrônico e o indesejável. Nas ruas da cidade, antigos hábitos entendidos como vadiagem, desleixo, falta de postura são combatidos com fórmulas também nada originais, conhecidas principalmente pela população mais pobre desde as reformas de Pereira Passos. Por mais que esses sujeitos tenham sido obrigados a migrar para regiões cada vez mais distantes, sua presença se fazia sentir em toda a cidade, e mais ainda seus hábitos, de tal maneira que o contato era inevitável e, mais do

que isso, acabava por representar o encontro da cidade consigo mesma que, como num espelho invertido, se estranhava e não se reconhecia.

#### 4.1.

##### Passeando pelas ruas da memória.

Entre as décadas de 1930/40, tornava-se bastante sensível a autonomia que boa parte dos bairros cariocas ia adquirindo em relação à região central da cidade. Essa região que, do ponto de vista urbanístico e cultural, havia sido transformada durante as reformas de Pereira Passos em ponto de convergência para o qual se confluíam todas as atenções e a partir do qual se irradiavam os hábitos modernos para todo o país, como quisera o governo republicano, embora tenha conservado sua importância, passava agora a conviver com outros pólos concorrentes. Copacabana, por exemplo, já vinha se destacando como uma espécie de subcentro no que tange à oferta de comércio e serviços, como bem assinala Maurício de Almeida Abreu: “contrastando com as transformações rápidas que ocorriam na Zona Sul – especialmente em Copacabana – e em decorrência mesmo dessas transformações, a área central da cidade apresentou, nas décadas de 1930 e 1940, uma estagnação relativa”.<sup>107</sup>

Esse movimento pode ser percebido em algumas crônicas da época. Em 1949 o cronista Gastão Cruls, em tom queixoso, observava que o avivamento dos demais bairros da cidade era acompanhado do “prejuízo do coração da urbe”, enfraquecido e batendo com uma frequência bem inferior em relação à *Belle Époque* e até mesmo o início da década de 1930:

... cada bairro vai fazendo vida própria, aumentando os recursos locais, fomentando o comércio, de tal modo que se baste a si mesmo e seja uma pequena cidade dentro da grande cidade [...]. Todavia, isso só se faz com prejuízo do coração da urbe, e tirante o pouquinho de gente que ainda se reúne à noite, mas nunca além de meia-noite, pela Cinelândia e arredores acabou-se de todo a vida noturna que o Rio possuiu.<sup>108</sup>

Muito embora a expansão urbana, o surgimento de novas áreas habitacionais e a relativa autonomia dos bairros em relação ao Centro não fossem exatamente uma novidade a essa época, Cruls apontava para uma dinâmica de

<sup>107</sup> ABREU, Maurício de Almeida. *Evolução Urbana no Rio de Janeiro*.

<sup>108</sup> CRULS, Gastão. *Aparência do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949.

centrifugação da vida na cidade que era experimentada como fragmentação e que tinha, sem dúvida, estreita relação com as então recentes intervenções urbanas promovidas na administração Henrique Dodsworth.

Em bela crônica, Marques Rebelo usa de toda a sua ironia para construir uma história do Rio de Janeiro, tomando como base uma espécie de vocação para a expansão a partir de seu antigo ponto de fundação, o Morro do Castelo, que teria conquistado toda a região em seu entorno e formado assim a cidade:

[...] Mais fácil enfrentar com vantagem o assédio inimigo fincando-se a cidade no topo do morro. O Castelo era a cidade, que fortes muros encercavam.

Conjurado o perigo com a expulsão do invasor e a sujeição do último tamoio, o Castelo inicia a conquista de áreas planas. E escorrega lá do alto [...].

No entanto, a partir de uma rápida narrativa Rebelo (re)constrói o Rio de Janeiro de cuja temporalidade teria como motor e *télos* a expansão urbana para assim nos levar ao trágico mas esperado destino que se reservava ao próprio Morro do Castelo. Se a vocação do Morro, identificado com a própria cidade, era “escorregar lá do alto” para ganhar toda a área em seu entorno, não seria de se espantar que um dia o próprio Castelo viesse a ser o alvo da expansão. Assim, no início dos anos 1920, o então prefeito Calos Sampaio iniciou sua demolição para realizar ali a *Exposição do Centenário da Independência* em 1922, obra que teria ficado completa com a urbanização da *Esplanada do Castelo* empreendida por vinte anos mais tarde por Henrique Dodsworth:

As gentes do Castelo conquistam a várzea, vencendo brejos, pântanos, mangues e lagoas – desdobramento muito bem calculado dos seus projetos expansionistas, que não parariam nem mesmo quando, três séculos mais tarde, o crescimento da cidade exigiria o arrasamento do próprio morro [...].

Desconfio que ainda foi artimanha de Mem de Sá a luminosa idéia que nasceu na cabeça do carioca Henriquinho, que foi prefeito na década de 1940.<sup>109</sup>

Na verdade, Marques Rebelo estava criticando a falta de sensibilidade dos prefeitos com relação à história e a memória da cidade, que teriam compreendido mal a vocação do Rio de Janeiro. Era como se eles tivessem tomado a expansão

---

<sup>109</sup> REBELO, Marques. *A expansão não pára*.

urbana como um fim em si mesmo, realizando obras que, ao fim e ao cabo, destruiriam a cidade ao invés de fazer com que ela se desenvolvesse levando em consideração suas particularidades, aquilo que enfim faria do Rio de Janeiro uma cidade única. Em outras palavras, as intervenções urbanas realizadas ao longo do período republicano, com destaque para os prefeitos Carlos Sampaio e Henrique Dodsworth (“Henriquinho”), antes de atender as demandas da urbe carioca, destruíam-na e a despojavam de sentido.

Certo é que o texto aqui em questão foi publicado na década de 1960, escrito a partir da memória afetiva do próprio autor. E isso pode nos parecer ainda mais interessante na medida em que era justamente nessa época que o Rio de Janeiro deixava a condição de capital federal, transferida para Brasília. Portanto, era também um momento de discussão e reflexão acerca do papel do Rio de Janeiro na federação e, conseqüentemente, de disputas em torno da construção de memórias para a cidade.

Aliás, observando os títulos de algumas obras escritas entre as décadas de 40 e 60 (*A aparência do Rio de Janeiro; O Rio de ontem e hoje; O Rio de Janeiro do meu tempo; Espelho Partido*), é interessante perceber como boa parte das crônicas fala de um Rio de Janeiro que seria como que (re)construído a partir da memória dos próprios cronistas ou tentam denunciar certa artificialidade gerada pelo projeto modernizador da cidade. É como se pairasse uma atmosfera de desencanto pelo que a cidade havia se tornado.

De certo modo, e nos arriscando nessa interpretação, pensamos que o historiador Antônio Edmilson Rodrigues, ao tomar o sentido contrário ao da memória dos cronistas que estavam escrevendo durante esse período, captou esse latente esfacelamento da cidade apontado acima. Através da combinação entre história e literatura, verdade e ficção, o autor leva o cronista João do Rio a fazer um passeio pela cidade após sua morte em 1921. Em descrição póstuma, João do Rio constataria que

A técnica superou a cultura. Rasgar a cidade, planejá-la, ordená-la de acordo com os traçados modernos, esse é o princípio inovador. O poeta sente as dores da alma da cidade diante dele, os gritos surdos das almas das ruas que vão sucumbindo ao progresso e à nova civilização, às vezes para nada, reflete João do Rio [...]

A sensação do poeta é de apavoramento e alegria: reconhece que morreu no tempo certo.<sup>110</sup>

Ao mesmo tempo, João do Rio também observaria que

Nas décadas de 50 e 60, a cidade volta a ser cantada em prosa e verso. Antônio Maria, Sérgio Porto, Néelson Rodrigues, Vinícius de Moraes, Antônio Carlos Jobim, o pessoal do Pasquim, da ‘república livre de Ipanema’ e muitos outros reconduzem a cidade ao seu devido lugar e tentam reconstruir sua alma.<sup>111</sup>

Portanto, nas décadas de 50 e 60 a cidade era “reconduzida” ao seu devido lugar, “volta” a ser cantada, sua alma era “reconstruída”. O autor se utiliza de verbos cujo conteúdo semântico implica em uma idéia de retorno da cidade ao que um dia teria sido sua marca mais peculiar, um reencontro consigo mesma através de seus admiradores e construtores letrados.

Se, na virada do século XIX para o XX, João do Rio era o amante das ruas e construía daí sua leitura da cidade, sorvendo sua atmosfera, perambulando com inteligência, satisfazendo suas curiosidades, e fazendo suas observações *in locu*, se era enfim o *flâneur*<sup>112</sup> disposto a tornar perene toda a complexidade do cotidiano urbano em vias de extinção para dar lugar ao moderno, Marques Rebelo fazia parte de um tempo em que a “arte de flamar” já não era tão possível ou atraente, reconstruía sua cidade através de sua própria memória, tentando recolher o que ainda lhe havia sobrado da *alma*, mesmo após a intensa modernização homogeneizadora dos anos 30 e 40. Pois, de acordo com, Evelyn Furquim Werneck Lima, durante o Estado Novo, “o governo, sediado no Rio de Janeiro, aqui exerceu seu poder sobre o espaço, mais do que em qualquer época da história do urbanismo carioca”.<sup>113</sup>

À guisa de mais um exemplo, em *Fúria Urbanística*, Rebelo lamenta as transformações urbanas, para ele sem propósito, pelas quais a cidade passou, empreendidas durante a administração de Henrique Dodsworth. Aqui o autor escolhe como mote principal a abertura da Avenida Presidente Vargas e seus

<sup>110</sup> RODRIGUES, Antônio Martins Edmilson. *João do Rio – A cidade e o poeta: o olhar de flâneur na Belle Époque Tropical*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. pp. 120-121.

<sup>111</sup> IDEM, *ibidem*. p. 122.

<sup>112</sup> RIO, João do. *A Rua*. In: *A Alma Encantadora das Ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. pp. 28-52.

<sup>113</sup> LIMA, Evelyn Furquim Werneck. *Avenida Presidente Vargas: uma drástica cirurgia*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte, 1990. p.33.

impactos sobre a dinâmica urbana carioca, e reclama diante da impossibilidade de diálogo com os “poderes” e da passividade com que alguns setores da sociedade, com destaque para a Igreja Católica, teriam aceitado a passagem da Avenida.

Para que passasse – é um exemplo – a grandiosa Avenida Presidente Vargas, primeiramente derrubaram a igreja da Imaculada Conceição e a de São Domingos; nem os católicos reclamaram muito, nem a Cúria, eles crentes de que se tratava de progresso – e o progresso é natural, como canta o sambista -, ela satisfeita com os bagarotes das desapropriações, no fundo, um dez-réis de mel coado. [...]

Não adianta reclamar contra a transformação grosseira e desnecessária da fisionomia da cidade – da nossa cidade -, os poderes são surdos pensando que são sábios. Fomos de passo triste para as ruínas como quem visita um morto. Fomos sozinhos.<sup>114</sup>

Lamento e resignação, acompanhados de desconfiança em relação ao progresso, formam os sentimentos do cronista diante da “transformação grosseira” de sua cidade. E nesse sentido, Rebelo fazia coro com Noel Rosa, o sambista citado no texto. Mais do que notar uma mutação da fisionomia da cidade e acusar, principalmente, as intervenções governamentais por isso, podemos perceber que o autor queria denunciar aquilo que seria a perda de uma áurea urbana. Não é à toa que o autor ainda empreende uma série de outras crônicas com a intenção de reconstruir o que ainda teria sobrado de vitalidade no Rio de Janeiro, a partir de seus bairros: Vila Isabel, Santa Teresa...

De acordo com Renato Cordeiro Gomes, “o cronista resiste à destruição da aura da cidade porque quer o encontro com ela em cada uma de suas parcelas: cada uma é única em sua identidade. O Rio de Janeiro [...] era para Rebelo a cidade que ainda habitava os homens e era habitada por eles”.<sup>115</sup> Poderíamos ir além e dizer que o empreendimento de Rebelo leva a emergência desses bairros como *lugares de memória*<sup>116</sup>, na acepção de Pierre Nora, ainda que esses lugares não comportem em si mesmos um passado isento de historicidade.

De toda forma, gostaríamos de propor o possível entrelaçamento desses textos com as mudanças da fisionomia da cidade nas décadas de 30 e 40 do século passado. Assim, poderíamos apontar para um tempo e uma temporalidade,

<sup>114</sup> REBELO, Marques. *A Fúria Urbanística*. In: REBELO, Marques. Coleção *Melhores Contos*. Seleção e prefácio Renato Cordeiro Gomes. São Paulo: Global, 2004. p.23.

<sup>115</sup> GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008. p. 109.

surgidas da tensão entre o *espaço de experiência* e do *horizonte de expectativa*<sup>117</sup> do autor, que aparentemente só poderiam ser captados através da memória.

É notável que as crônicas brevemente analisadas aqui tentem também mostrar o preço pago pelo Rio de Janeiro enquanto cidade em nome da representação do Rio de Janeiro enquanto capital nacional que lhe havia sido imposta e que essas críticas coincidam num período durante e após a direta intervenção federal sobre a cidade.

Talvez por isso, em uma de suas últimas reflexões póstumas sobre a transferência da capital para Brasília, João do Rio

Reconhece que, se vivo estivesse, teria dúvidas em tomar partido pela manutenção da capital no Rio de Janeiro. Olhando a história da cidade, observa que grande parte dos problemas por ela vividos decorre exatamente de se ter transformado, em 1763, capital do país. Talvez, não sendo capital, se torne cidade.<sup>118</sup>

#### 4.2.

As ambigüidades do moderno e o cotidiano de uma cidade seminua.

Ao analisar a relação entre a família e a cidade do Rio de Janeiro no início do século XX, a historiadora Rosa Maria Barbosa de Araújo demonstra que a modernização da cidade engendrou novas maneiras de estar e se relacionar com a rua. Os novos hábitos passavam pela prática do esporte, pela maior exibição do corpo, a tomada da praia como um lazer e participação das festividades coletivas, embora todas essas manifestações tivessem peso diferente para homens e mulheres.<sup>119</sup>

Quando observamos os jornais do período em questão, entre finais de 1930 e início de 1940, podemos perceber o quanto esses hábitos haviam se enraizado no cotidiano da cidade.

Os pavimentos térreos dos arranha-céus da Avenida Atlântica vão cada vez mais se povoando de *bars* ao ar livre, para onde afluem em massa, todas as noites, os que vão em busca de um pouco da brisa do mar alto.

---

<sup>116</sup> NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*.

<sup>117</sup> Ver KOSELLECK, Reinhart. “*Espaço de experiência*” e “*horizonte de expectativa*”: duas categorias históricas. In: *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-RIO, 2006.

<sup>118</sup> RODRIGUES, Antonio Martins Edmilson. p. 123.

<sup>119</sup> ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro Republicano*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.



Em muitas dessas *terrasses* [sic], onde se abancam em trajés consentâneos com a estação climática do momento os que se encharcam com os gelados de toda a espécie, tocam pequenas orquestras.

Domingo à noite, por exemplo, a nossa Avenida Atlântica fazia lembrar, pela sua animação, as mais famosas praias de banho da Europa.

O mesmo aspecto, estamos certos, apresentará dentro de pouco tempo a nossa praia do Flamengo, onde também já começam a surgir as confeitarias e *bars* bem montados, em condições de atender a uma clientela exigente.

Pela sua maravilhosa situação topográfica à beira da Guanabara e do Atlântico, o Rio está fadado, desde o Leblon até o Aeroporto Santos Dumont, a ter uma intensa vida noturna.<sup>120</sup>

Se a vida noturna no Centro da cidade experimentava relativa estagnação, em outras áreas, os *bars* e *clubs*, somados ao prazer de desfrutar a vista do mar, funcionavam como um atraente ímã para o divertimento identificado com o moderno, cujo valor semântico nesse caso estava associado, ainda, ao ideal europeu de civilização. Assim era possível comparar qualitativamente a Avenida Atlântica com as praias da Europa e, visto sob esse aspecto, poderíamos inferir que o Brasil, através de sua capital, estaria correndo em paralelo com as capitais civilizadas do velho continente.

No entanto, a Europa não era a única referência moderna para os hábitos cariocas. Em finais de 1930 e início de 1940, Brasil e Estados Unidos estreitavam seus laços comerciais e culturais. E essa aproximação partiu principalmente do lado norte-americano, receoso da influência dos regimes totalitários europeus – Germânico, Italiano e Soviético - no Brasil. Vargas hesitou durante um bom tempo em apoiar os Estados Unidos na guerra, ficando entre as forças do Eixo e os Aliados. No entanto, em 1942, o Brasil declarava guerra à Alemanha e à Itália, posicionando-se ao lado dos Aliados.<sup>121</sup>

Se durante a *Belle Époque* as áreas *chics* do Rio respiravam ares franceses na maneira de pensar, falar, vestir-se e comprar, a partir de então o modelo norte-americano de civilidade e progresso se consolidaria gradativamente no imaginário de futuro da elite carioca e a preocupação com o refinamento cedia lugar a certa praticidade e aos arranha-céus, o que também alimentou ainda mais a especulação

<sup>120</sup> *A vida noturna do Rio*. Jornal do Brasil. 07 de janeiro de 1941. p.6.

<sup>121</sup> Ver CAPELATO, Maria Helena. *O Estado novo: o que trouxe de novo?* p.135. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves e FERREIRA, Jorge (org). *O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

imobiliária, o acirramento da crise habitacional e implicou em mudanças de hábitos dos cariocas. Entre outros motivos,

Devido a este gigantismo sem método [o aumento demográfico] ao prestígio do cinema americano e às duas Grandes Guerras, a influência americana superou a francesa [...] O carioca passou a viver apertado e atarantado, a tomar café em pé, a comer em snack-bars, a se transportar comprimido como sardinha, a fazer fila para tudo, até para se divertir.<sup>122</sup>

Sem dúvida, a *americanização* também era alvo de críticas, sobretudo em um período em que se buscava forjar símbolos culturais que fossem genuinamente nacionais e, nesse sentido, o Rio de Janeiro tinha um papel importante no que tange a projeção de um país culturalmente unificado. O samba, por exemplo, como o demonstra Hermano Vianna, alavancado pela propagação do rádio e das estações de rádio sediadas no Rio de Janeiro, era um item assaz interessante nessa estratégia. É assim que em 1940, após uma viagem aos Estados Unidos, a cantora Carmem Miranda voltaria ao Brasil sob vaias, acusada de ter se americanizado, após o que

Carmem se retirou para o camarim chorando, mas já buscando uma forma de responder às críticas da elite carioca.

A resposta se tornou pública poucas semanas depois daquele show, que foi cancelado logo após a estréia, quando Carmem lançou o samba *Disseram que voltei americanizada*. Essa música pode ser considerada profética, pois daí em diante o problema da ‘americanização’ vai se tornar cada vez mais central, não só para o debate sobre a ‘identidade brasileira’, como também para a crítica do ‘imperialismo cultural’ ou do ‘colonialismo cultural’ em todo o mundo.<sup>123</sup>

No entanto, a influência norte-americana se propagava na sociedade carioca a despeito desse projeto de construção de símbolos nacionais e, principalmente através do cinema, fazia-se sentir até mesmo na valorização da boa forma, atribuída a prática de esportes.<sup>124</sup> Em reportagem da revista *Careta*, beleza e força física, no Rio de Janeiro, aparecem como resultados da estreita relação dos indivíduos com o mar e dos “segredos da vida moderna” difundidos pelo cinema americano.

---

<sup>122</sup> Jornal do Brasil – 7 de abril de 1965.

<sup>123</sup> VIANNA, Hermano. *O Mistério do Samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.: Ed. UFRJ, 2002. p. 129.

<sup>124</sup> A prática esportiva também é notada no momento de modernização da sociedade paulista nos anos 20, como salienta Nicolau Sevcenko em seu livro *Orfeu Extático na Metrópole*.

As novas gerações brasileiras, pelo menos no Rio, são fortes, alegres e sadias.

Duas coisas concorrem sem dúvida para isso: o mar e o esporte, que são aliados nessa grande transformação orgânica. Convém não esquecer, também, a oportuna lição do cinema americano, que nos tem ensinado todos os segredos da vida moderna – os bons e os maus.<sup>125</sup>

De toda forma, a questão do banho de mar e do passeio pela praia parecia ter caído de vez no gosto do carioca. As praias da Zona Sul, Copacabana à frente, ditavam o modo de vida do carioca moderno, cujo um dos ideais era a beleza do corpo atlético. Em prefácio ao livro de Gastão Cruls de 1949, Gilberto Freyre constatava: “raro é o corpo moreno de carioca moderno que não se forma correndo na praia, nadando e mergulhando no mar, desde novo avermelhando-se de sol em Copacabana, no Leme, em Ipanema”.<sup>126</sup>

A praia era um lugar a partir do qual, mais do que um simples lugar para ver e ser visto, os indivíduos engendravam uma sociabilidade específica que, no entanto, acabava transbordando das areias para as ruas. Algumas crônicas de época relatam cenas dessa dinâmica cotidiana da cidade, aonde a fronteira entre praia e rua se diluía, gerando uma atmosfera de sensualidade e flerte entre os jovens. Era como se a cidade fosse apenas mera extensão da própria praia.

O sol está a pino.

Pelas calçadas fronteiras ao Palácio do Catete passaram três robustos homens, que vêm do banho de mar, no Flamengo.

Um grupo de meninas que saem, como um bando de pássaros álacres, de lindas plumagens, da Escola Amaro Cavalcanti, param, entre surpresas e escandalizadas, diante daqueles três atletas, com o dorso completamente nu, trazendo tão somente sobre o corpo, talvez como um preito de homenagem ao decoro público, um minúsculo calção de banho.<sup>127</sup>

Contudo, os mesmos hábitos que eram descritos como “novos” e “modernos”, também poderiam ser encarados como sinais de uma cidade que ainda estava longe de ser civilizada, pelo menos do ponto de vista moral. De fato, a orla do Rio de Janeiro se assemelhava às praias européias: nela pululavam os *bars* e confeitarias, praticavam-se esportes que cultivavam o corpo e valorizavam a beleza física, que ganhava um contorno dourado pelo sol... Mas as vestimentas de banho e a postura do carioca causavam estranhamento. Não pelo que os

<sup>125</sup> *Careta*. 15 de fevereiro de 1941. p. 27.

<sup>126</sup> Gilberto Freyre no prefácio do livro CRULS. Op. Cit. p. 17.

sujeitos mostravam de seus corpos, ou escondiam, propriamente, mas justamente porque para eles parecia não haver diferença entre o dia e a noite, a praia e a cidade.

Assim, em muitos casos, quando essa sociabilidade que deveria estar restrita aos limites da praia extrapolava seus contornos, poderiam gerar incômodo e desconforto. Nesse sentido, o jornalista Otto Prazeres fazia uma longa análise através da qual concluía que esses hábitos seriam particularmente cariocas, não sendo observados em nenhuma outra grande cidade do mundo, muito menos nas européias, mesmo que fossem de praia.

Não há cidade alguma do mundo, não há vila alguma do globo, que ofereça o espetáculo deprimente que oferece o Rio de Janeiro com indivíduos seminus pelos pontos mais freqüentados e até mesmo em lugares *chics*

É verdade que em todos os países, em todas as praias, senhoras e homens abandonaram de há muito as antigas e amplas roupagens de banho para vestirem somente simples calções ou arrojados (o arrojado está na pequenez) ‘maillots’, porém esses trajes ligeiríssimos somente são vistos e consentidos em plena praia, no banho ou no local à margem desse banho. [...]

Note-se bem: não estou defendendo os antigos balandraus, nem investindo contra os ‘maillots’, por demais... crianças para corpos bem adultos. O que estranho é que semelhantes trajes sejam transformados em trajes de cidade, em trajes de hotel, em trajes de passeio, em trajes de clubes, em trajes de café e dos que deveriam ser os melhores freqüentados.

E isto não se vê em parte alguma do mundo civilizado...

O que incomodava o autor do artigo, portanto, não eram os trajes de banho em si mesmos, mas transformá-los em trajes de toda a cidade. O que causava estranhamento era o despojamento exagerado, esse querer se mostrar ou não sentir vontade de se esconder, inerente à maneira de estar na praia àquele tempo. Otto Prazeres, como que confessadamente pasmado, continua a demonstrar sua desaprovação a esse tipo de comportamento, observando que, até mesmo a noite, os trajes não estariam devidamente correspondentes às mais variadas ocasiões. Definitivamente, o Rio de Janeiro estaria longe, por esses e outros motivos, de ser uma cidade moderna e civilizada.

À noite, nos passeios, nos restaurantes, nos clubes, nos cafés, ninguém avista, como no Rio de Janeiro, gente em mangas de camisa, às vezes com uma tão grande falta de distinção, que se tem vontade de chamá-los para... Encomendar um carroto. [...]

---

<sup>127</sup> *Costumes Cariocas*. Jornal do Brasil. 08 de janeiro de 1941. p.6.

Passar pelas ruas e entrar nos cafés com os simples calções de banho é a mesma coisa que entrar no banho com camisa e colarinho, gravata, paletó e calças. Toda a questão não está em possuir o traje da moda, porque o principal reside em escolher o momento próprio ou adequado para usá-lo.<sup>128</sup>

Em outro artigo, questão bastante semelhante era debatida chamando mesmo a atenção da prefeitura e da polícia para coibir tal desleixamento dos transeuntes. Aqui, porém, a crítica parece se agravar na medida em que dessa vez não se tratava de um socialmente igual, mas sim de um encarregado.

Os edifícios de apartamentos residenciais estão sujeitos a umas tantas exigências emanadas não só da Prefeitura, como da polícia.

Uma delas, por exemplo, diz respeito à indumentária dos indivíduos a cuja guarda ficam esses imóveis.

Todos nós sabemos, porém, a que extremos de inobservância atinge a determinação em apreço. Ainda há dias – para fixar um caso típico e desconcertante – vimos, a palitar os dentes, em mangas de camisa, sem colarinho, como se estivesse à porta de sua ‘tendinha’, o encarregado de um edifício de apartamentos localizado num dos nossos bairros mais elegantes.<sup>129</sup>

Mesmo observando que o artigo carrega no tom discriminatório, observa-se que o inconveniente estava justamente na inadequação entre o ambiente e a maneira do sujeito se portar no mesmo. Assim, em um dos bairros mais elegantes da cidade, era inadmissível que um encarregado se comportasse “como se estivesse à porta de sua ‘tendinha’”.

Da mesma forma, os jornais estão plenos de artigos que criticam essa inadequação de hábitos de boa parcela da população da cidade, que parecia alheia àquela atmosfera pretensamente moderna e civilizada desejada pelos arautos da boa conduta e pelo poder público. Nossa preocupação aqui, todavia, é a de entender esses comportamentos e seus relatos em conformidade com as transformações de viés urbanístico pelas quais passaram a cidade durante a administração Dodsworth.

Richard Sennett, em sua análise da história das cidades através da maneira como cada sociedade percebia seu próprio corpo ao longo do tempo, diz que:

O objetivo de libertar o corpo da resistência associa-se ao medo do contato, evidente no desenho urbano moderno. Ao planejar uma via pública, por exemplo, os urbanistas frequentemente direcionam o fluxo de tráfego de forma a isolar uma comunidade

<sup>128</sup> *Sem Roupa* – Jornal do Brasil – 18 de janeiro de 1941. p. 6.

<sup>129</sup> *Nos edifícios e apartamentos residenciais* – Jornal do Brasil – 10 de janeiro de 1941. p.6.

residencial de uma área comercial, ou dirigi-lo através de bairros de moradia, separando zonas pobres e ricas, ou etnicamente diversas.<sup>130</sup>

Se assim for, parece-nos que, no Rio de Janeiro, as intervenções feitas entre os anos de 1937 e 1945, por mais que fossem justificadas por um discurso urbanístico desejoso de apontar para uma modelação definitiva da cidade, completando de maneira exemplar e monumental as obras inauguradas no início do século XX na reforma de Pereira Passos, não chegaram a obter êxito em seus objetivos. Se, como vimos no capítulo anterior, a idéia de que através da urbanização planejada se poderia intervir e engendrar uma maior organização da sociedade e de seus movimentos acelerou uma fragmentação no espaço físico da cidade, esta idéia não estancou de todo a dinâmica da cidade que lhe era subjacente. Mais do que isso, essas queixas demonstram o quanto a arbitrariedade das intervenções superaram em muito o discurso moderno da urbanização. O resultado perverso dessa estratégia foi o acirramento das desigualdades sociais e a permanência de vários costumes que permaneciam alheios ao controle governamental e mesmo na contramão de suas intenções. No Rio de Janeiro, a tentativa de estancar o contato entre a população mais pobre e a classe média ou a elite fracassou e se reverteu em estranhamento que só podia ser resolvido à força. A exemplo do que aconteceu na Primeira República, foi à polícia que coube o papel de gerar a ordem e a civilidade na cidade.

A polícia está intensificando a campanha contra os vadios e os desocupados de acordo com as disposições do Código Penal. E essa campanha deve ser feita sem desfalecimentos, porque magníficos resultados advirão para a coletividade [...]

Outras visitas constantes devem ser feitas aos milhares de botequins que são vistos por toda a cidade, na sua maioria estabelecimentos onde se reúnem malandros de toda a espécie, em algazarra durante todo o dia e até altas horas da noite, com grandes incômodos para a vizinhança. As rixas são freqüentes e, em geral, de conseqüências graves.

Sabem todos ou todos vêem, desde que passem pelo local ou esperem um bonde ou ônibus no poste, que os tipos freqüentadores são sempre os mesmos, que ali permanecem, horas e horas, nas mesas, ouvindo rádio quando o há, fumando e bebendo, sem preocupação alguma pelo ganho da vida, com desprezo evidente pelo trabalho.<sup>131</sup>

<sup>130</sup> SENNETT, Richard. *Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 2006. p.18.

<sup>131</sup> *A repressão aos vadios*. Jornal do Brasil. 10 de julho de 1943. p.6.

Se os *bars* e *clubs* eram valorizados como estabelecimentos aonde se (re) produzia hábitos da vida modernos, símbolos e locais de sociabilidade de uma elite carioca que acompanhava as tendências dos novos modos identificados com o *american way of life*, os “milhares de botequins espalhados por toda a cidade” eram vistos como o que havia de mais anacrônico e socialmente condenável. E talvez só o fossem justamente por ainda insistirem em estar espalhados por toda a cidade, e não confinados em bairros distantes do subúrbio ou nas favelas.

Da mesma forma acontecia com a prática de esportes. A partir do momento em que alguns esportes coletivos, como o futebol, passaram a fazer parte do gosto popular e ocupar as ruas, eles se tornavam condenáveis como “um dos flagelos da cidade. Não há rua, não há praça, não há beco em que ele não seja praticado, não apenas por crianças, mas mesmo por latagões [sic] em ócio.”<sup>132</sup>

O Rio de Janeiro mostrava suas contrariedades que, no fundo, eram constituintes da própria cidade que, conscientemente ou não, permaneceram em sua complexidade, a despeito das investidas governamentais sob o Estado Novo no sentido de fazer dela, mais uma vez, o espelho do país. Se a vida nas grandes cidades modernas pauta-se, de acordo com Georg Simmel, pela “intensificação da vida nervosa”, em que o profundo desequilíbrio entre a cultura subjetiva e a cultura objetiva ou, grosso modo, entre indivíduo e sociedade, gera uma atitude *blasé* ou de “reserva” no seu habitante, que funcionaria como uma espécie de escudo através do qual o indivíduo preservaria o que nele há de mais particular<sup>133</sup>, o Rio de Janeiro se distanciava bastante dessa definição. Mesmo que admitamos sua fragmentação social, cultural e espacial, na urbe carioca o ajustamento entre o indivíduo e a sociedade era de outra ordem e a modernidade, entendida como autonomização do tempo histórico em direção a um *futuro-presente* que se acelera a si mesmo na indiferença com o passado, não se fazia sentir senão como conservadora e artificial.

---

<sup>132</sup> *Coisas da cidade*. Jornal do Brasil – 3 de julho de 1943. p.6.

<sup>133</sup> SIMMEL, Georg. *As Grandes Cidades e a Vida do Espírito*

### 4.3.

“Como mulher petrificada”: a imagem feminina do Rio de Janeiro.

Comentando de maneira bem humorada o que considera na verdade um clichê, Ruy Castro acaba por concordar com a idéia de que as cidades podem ser masculinas ou femininas no que diz respeito a um certo *geist*, e não ao maior ou menor número de habitantes por gênero. Partindo desse princípio no mínimo curioso, o autor justifica seu argumento com exemplos:

Londres, Nova York e Tóquio, por exemplo, são cidades masculinas – graves, impessoais, sem fricotes. Já Paris, Roma e Rio são cidades femininas – românticas, volúveis, envolventes. [...]

As cidades masculinas vieram ao mundo a negócios, donde são mais ricas e poderosas. Um espirro de suas esquinas arrisca tirar o globo terrestre do eixo [...] Já nas cidades femininas, o tempo que se investe na busca do prazer as impede de produzir muito dinheiro – seus homens e mulheres passam horas sentados em cafés, flanando pelas ruas ou apenas esticados na areia. [...]

As cidades masculinas tendem a ser tensas e puritanas. As cidades femininas são relaxadas e libertárias.<sup>134</sup>

De fato, identificar cidades como homens ou mulheres não constitui exatamente uma novidade. Em seu compreensivelmente muito citado livro *As Cidades Invisíveis*, Ítalo Calvino, por exemplo, batiza todas as cidades do vasto império de Kublai Khan com nomes femininos. Assim conhecemos *Dorotéia*, *Anastácia*, *Tamara*, *Zirma*, *Sofrônia*, *Esmeraldina* e tantas outras, através das minuciosas e surpreendentes descrições do viajante Marco Pólo, que as apreendia sempre em contraste com sua própria cidade, *Veneza*.<sup>135</sup>

Nossa cidade frequentemente é narrada, descrita ou cantada como portadora de uma alma feminina e, mais do que isso, como uma mulher mesmo, capaz, por seus dotes físicos e sensualidade, encantar e seduzir os mais variados espíritos. *Cheia de encantos mil*, a cidade do Rio de Janeiro, e seus recantos, seria feminina porque guiada pelas emoções, pelo coração e não pela razão fria e calculista.

Deixando de lado apenas essa margem romântica de associação, lembremos que Simmel, de certa forma, também se arriscara nessa interpretação quando dizia, a respeito da capital da Inglaterra, que “no decurso de toda a história

---

<sup>134</sup> CASTRO, Ruy. *Carnaval no fogo: crônica de uma cidade excitante demais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. pp. 141-142.



inglesa, Londres nunca foi considerada o coração da Inglaterra, mas frequentemente seu entendimento e sempre sua bolsa!”.<sup>136</sup> Portanto, paixão e razão são associados, respectivamente, aos espíritos feminino e masculino, e também são colocados em oposição. A *passio* é desvio que perturba a paz proveniente da razão.

Talvez por isso, por fugir absolutamente ao entendimento, ou mesmo por negá-lo, o cronista Álvaro Moreyra abra seu livro intitulado justamente de *A Cidade Mulher* com a seguinte crônica, tão bem humorada quanto curta e simples:

- Mulher? Por quê? Não compreendo.
- Por isso mesmo...<sup>137</sup>

O autor assim parece justificar, ao mesmo tempo, o título de sua obra e a impossibilidade de apreender racionalmente sua própria cidade, o Rio de Janeiro, naturalmente por ter essa alma feminina. A mulher é pra ser amada, não compreendida.

Já o poeta Vinícius de Moraes, amante confesso das mulheres e de seus mistérios assim como do Rio de Janeiro, concorda com Álvaro Moreyra quando fala da mulher carioca e de sua inalcançável razoabilidade: “E a maior felicidade é que ao carioca foi dado para amar, desamar, exaltar, trair e ser escravo um outro ser cuja graça é indefinível: a mulher carioca. A mulher carioca é...a mulher carioca. Que mais se pode dizer dela?”<sup>138</sup> E vai além quando transpõe a figura da mulher amada na própria cidade em uma bela imagem que é também uma sensual declaração de amor:

[...]  
 Ó bem-amada  
 Rio! Como mulher petrificada  
 Em nádegas e seios e joelhos  
 De rocha milenar, e verdejante  
 Púbis e axilas e os cabelos soltos  
 De clorofila fresca e perfumada!

<sup>135</sup> CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

<sup>136</sup> SIMMEL, Georg. Op. Cit. p. 579.

<sup>137</sup> MOREYRA, Álvaro. *A Cidade Mulher*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte, 1991. p.13.

<sup>138</sup> MORAES, Vinícius de. *Roteiro Lírico e sentimental da cidade do Rio de Janeiro e outros lugares por onde passou e se encantou o poeta*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 40.

Eu te amo, mulher adormecida  
 Junto ao mar! Eu te amo em tua absoluta  
 Nudez ao sol e placidez ao luar. [...] <sup>139</sup>

Em todo o presente trabalho procuramos tratar a história do Rio de Janeiro levando em consideração seu papel de *cidade-capital*, mas também o seu valor como cidade apenas, assim como tentamos identificar a relação entre ambos os aspectos e em que medida aquela condição sufocava ou não a autonomia local. Nesse sentido, para tentarmos aproveitar o que essa metáfora tem a nos oferecer, propomos seu desdobramento da seguinte forma: se a imagem da cidade do Rio de Janeiro pode, e frequentemente o é, associada à imagem da mulher, também podemos pensar que o Rio de Janeiro como *cidade-capital* assumia a forma desejada e imposta pelo Distrito Federal, identificado justamente com seu contrário.

Em um primeiro momento, isso poderia nos levar a concluir, apressadamente, que o Distrito Federal estabeleceu uma relação a tal ponto dominadora e rígida com a cidade, que esta não teria conseguido construir espaços para dar vazão aos seus próprios desejos. Isso se comprovaria quando ele, em 1960, movido por razões que não nos cabe aqui questionar ou julgar, resolve morar com outra, Brasília. Muito embora sua insatisfação com o lar e suas dificuldades da vida cotidiana já tivessem se manifestado desde pelo menos a primeira Constituição republicana de 1891, ninguém, muito menos sua mulher, levava a sério uma mudança efetiva de ventos: cidade e Distrito Federal viviam um relacionamento tenso e movido, ao mesmo tempo, pela paixão.

A memória que, aparentemente, entrelaçava suas histórias, transformando-as em um *espaço de experiência* comum, era facilmente projetada em um *horizonte de expectativa* estático e previsível: a cidade preenchia de sentido o Distrito Federal ao passo que este, por seu turno, fazia dela a mais bela, moderna e atraente dentre todas as cidades brasileiras. Nesse sentido, à surpresa da ruptura, teria se seguido a sofreguidão causada pela ausência de todo amor que se vai, obrigando a cidade a reconstruir a memória de um passado feliz, embora desprovido de liberdade, e a experimentar as angústias de não saber que caminho

---

<sup>139</sup> IDEM, *Ibidem*. p. 44.

tomar diante de um *presente-futuro* que se apresentava como experiência nova e imprevisível. Mais do que isso, restaria ainda para ela lidar com a dor latente de ter sido deixada, tal como já sugerira José Honório Rodrigues: “O Rio é uma cidade que tem sido traída, sempre traída”.<sup>140</sup>

Todavia, para irmos além dessa interpretação, propomos aprofundá-la, não para negá-la propriamente, mas para tentarmos perceber as nuances desse relacionamento e da personalidade dessa mulher. Para isso, é interessante pensar em que medida a cidade vestia inconscientemente a bela roupagem moderna de *cidade-capital*. Pois se esta só existia como forma, como artificialidade, ela também pode ser vista como maquiagem, um dos elementos formais mais caros a toda mulher. Pois, de acordo com Baudelaire, “a mulher está perfeitamente nos seus direitos e cumpre até uma espécie de dever esforçando-se em parecer mágica e sobrenatural; é preciso que desperte admiração e que fascine; ídolo, deve dourar-se para ser adorada”.<sup>141</sup>

Mas o que faria da mulher essa criatura tão incompreensível e enigmática aos olhos do homem, “esse ser terrível e incomunicável como Deus (com a diferença que o infinito não se comunica porque cegaria ou esmagaria o finito, enquanto o ser de que falamos só é incompreensível por nada ter a comunicar, talvez)?”<sup>142</sup> Pensar nessa questão é pensar também nos motivos pelos quais tanto se associa o Rio à mulher.

Em *A Cultura Feminina*, Simmel nos lança uma reflexão a respeito das especificidades qualitativas da mulher em relação ao homem para argumentar que a cultura da humanidade é, sim, sexuada e masculina. E justifica seu argumento demonstrando como, na história, quase todos os elementos objetivos da nossa cultura haviam sido feitos por homens e para os homens. Dessa forma, o filósofo alemão concluía criticamente que uma verdadeira ampliação da participação feminina nas sociedades só poderia ser realizada caso as bases da cultura fossem modificadas, pois, diferentemente do homem,

Toda a profunda beleza da essência feminina, que lhe dá preeminência sobre o espírito masculino, cuja libertação e reconciliação ela simboliza, baseia-se nessa unidade, nessa solidariedade imediata, orgânica, entre a pessoa e cada uma de suas

<sup>140</sup> RODRIGUES, José Honório. Op. cit. pp. 123-124.

<sup>141</sup> BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. p. 64.

<sup>142</sup> IDEM, *Ibidem*. p.57.

manifestações, em suma, na ‘indivisibilidade’ do eu, que só conhece um ‘ou tudo, ou nada’.<sup>143</sup>

Se concordamos com Simmel, o Rio de Janeiro poderia ser, sim, uma *cidade-mulher* na medida em que não se limitou apenas à função objetiva de ser Distrito Federal. E essa sua “indivisibilidade”, esse não saber lidar apenas objetivamente com o mundo, certamente causou dores de cabeça, quando não ciúmes, ao governo federal.

Assim, lembramos de algumas personagens femininas que tiveram o Rio de Janeiro como cenário de suas peripécias e seduções, que passaram por suas ruas como miragens a confundir os pobres homens que julgavam seduzi-las. Que mulher, afinal de contas, seria o Rio de Janeiro? Por seus mistérios e por sua indivisibilidade, sugerimos a famosa *Capitu* de Machado de Assis. Mulher que, vivendo no século XIX, até hoje deixa dúvidas quanto a sua conduta em relação ao marido, em uma história narrada por ele próprio, o *Dom Casmurro*. Guardadas as devidas proporções, mesmo que ela, a cidade, não o tenha traído (Distrito Federal), em uma interpretação cada vez mais recorrente, também é certo que sua vivacidade e sua dinâmica não estavam presos unicamente ao matrimônio. Pelo menos no caso da cidade do Rio de Janeiro, o fim do casamento talvez tenha representado não um triste fim, mas uma possibilidade de recomeço ou mesmo de uma nova interpretação para essa história. Se ela conseguir enxergar para além de uma possível traição e se livrar do peso dessa memória, vai perceber que, na verdade, pode continuar radiante utilizando-se apenas de sua própria maquiagem, leve e adequada a sua própria beleza.

---

<sup>143</sup> SIMMEL, Georg. *Cultura Feminina*. In: *Filosofia do Amor*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 73.